



CONFERÊNCIA



Debate Falta uma estratégia nacional para aproveitar um dos nossos principais recursos

Há muito que trabalhar para valorizar o mar

Texto **VIRGÍLIO AZEVEDO**
Fotos **TIAGO MIRANDA**

oi com um debate vivo e por vezes polémico que a conferência "Portugal e o Mar: a nossa aposta para o século XXI" decorreu na quinta-feira no Hotel The Oitavos, em Cascais, perante uma plateia de mais de 300 personalidades ligadas ao sector. Na iniciativa organizada pelo Expresso e pela Caixa Geral de Depósitos (CGD), que contou com o apoio da Administração do Porto de Lisboa e do Fórum Empresarial da Economia do Mar, a intervenção de Cavaco Silva deu o mote à conferência.

O Presidente da República chamou a atenção "para a relação claramente insatisfatória que mantemos com o mar" e apelou "à exploração do enorme potencial que este encerra", insistindo na ideia de que o mar deve tornar-se uma causa nacional "tão importante como a educação e a qualificação dos portugueses, o aumento da produtividade e da competitividade da economia ou a credibilização do sistema de justiça" — porque "não nos podemos dar ao luxo de continuar a desperdiçar um dos nossos principais recursos naturais".

Passar à ação

O que falta é passar à ação porque, como sublinhou Francisco Pinto Balsemão na abertura da conferência, "os oceanos representam um verdadeiro mar de oportunidades para Portugal num mundo globalizado". O presidente do Grupo Imprensa (proprietário do Expresso) recordou que o Expresso "foi dos primeiros meios de comunicação social a eleger este tema com bandeira editorial", tendo dedicado

duas edições da revista Única inteiramente a este assunto — em 2004 e nesta edição do Expresso. "Os oceanos são um dos mais importantes fatores de competitividade do país", prosseguiu Balsemão, e "podem ter um papel fundamental na especialização internacional de Portugal e na projeção da sua imagem externa". A crise económica, financeira e social que o país atravessa ocupou uma boa parte da intervenção de Fernando Faria de Oliveira na abertura da conferência. O presidente da CGD defende que "é necessário transmitir confiança aos investidores que volte a dar credibilidade ao país", e adequar o modelo de crescimento da economia às novas realidades. Nesta perspetiva, "o mar pode representar um elemento decisivo para impulsionar o nosso desenvolvimento".

Pode o mar ser a nossa Nokia?

Estamos ainda "no patamar dos debates sobre as potencialidades do mar", constatou Tiago Pitta e Cunha, ao intervir no painel que pretendia responder à pergunta: pode o mar ser a nossa Nokia? O conhecido especialista em assuntos marítimos, que coordenou a elaboração da primeira estratégia nacional para o mar no governo de Durão Barroso, reconheceu que Portugal "vive uma situação de impasse, em que os governos não fazem do mar uma prioridade e as empresas não tomam a iniciativa, alegando falta de apoio dos governos".

Mas Pitta e Cunha está otimista e reconhece que há mudanças a nível político e no sector empresarial. "O Presidente da República tem tido uma posição frontal e pela primeira vez desde o 25 de Abril o mar está a ser assumido como uma prioridade nacional", salienta. Quanto aos agentes económicos, "há sinais de interesse de organizações como a Associação Comercial de Lisboa e ini-

DISSERAM

"Mantemos uma relação claramente insatisfatória com o mar, e não nos podemos dar ao luxo de continuar a desperdiçar um dos nossos principais recursos naturais"

CAVACO SILVA, Presidente da República

"Vivemos numa situação de impasse, em que os governos não fazem do mar uma prioridade e as empresas não tomam a iniciativa, alegando falta de apoio dos governos"

TIAGO PITTA E CUNHA, especialista em assuntos marítimos

"Precisamos de grandes armadores em Portugal e de investimento privado nas atividades marítimas, mas para isso os empresários não devem ter medo de correr riscos e a legislação tem de ser simplificada"

BRUNO BOBONE, presidente da Associação Comercial de Lisboa e do Fórum Empresarial da Economia do Mar



Cavaco Silva, Fernando Faria de Oliveira e Francisco Pinto Balsemão na abertura da conferência "Portugal e o Mar"

ciativas como a criação do Fórum Empresarial da Economia do Mar, que envolve 50 empresas. E as oportunidades de negócio existem nos transportes marítimos, energia, aquacultura, construção naval, turismo, náutica de recreio, proteção da orla costeira ou segurança marítima. O que falta então? "Coragem para agir e correr riscos". João Confraria, professor da Universidade Católica, concorda que é a primeira vez desde a adesão à UE que Portugal pode ter um novo designio nacional. Mas o mar ser a nossa Nokia, a famosa multinacional de comunicações móveis que tornou a Finlândia conhecida em todo o mundo, é um cenário em que dificilmente acredita, porque "o que está em causa é o processo de inovação, e a Nokia emergiu num quadro tecnológico bastante diferente do que hoje existe em Portugal, onde nem sequer há um cluster do mar, porque as atividades marítimas têm poucas ligações entre si".

Ter grandes armadores

No debate sobre "Portos, transportes e logística", onde participaram Lidia Sequeira (Administração do Porto de Sines), Bruno Bobone (Fórum Empresarial da Economia do Mar), José Monteiro Morais e Paulo Serra e Silva (consultores), foi reconhecida a necessidade de Portugal criar uma frota mercante e ter grandes armadores através do investimento privado. Mas para isso é preciso continuidade nas políticas públicas além do calendário eleitoral, simplificar legislação e reforçar o planeamento do sector portuário.

As novas oportunidades que a energia eólica offshore e a energia das ondas oferecem foram apresentadas por Jorge Cruz Morais (EDP), Alla Weinstein (Principle Power), António Sá da Costa (APREN-Associação de Energias Renova-

váveis) e Alexander Ellis, embaixador britânico em Portugal. Oportunidades também não faltam na prospeção e exploração dos fundos marinhos, como salientaram Manuel Pinto de Abreu (Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental) e Ricardo Serrão Santos (Universidade dos Açores). O turismo marítimo e costeiro esteve também em foco num painel onde participaram Natércia Cabral (Administração do Porto de Lisboa), Jorge Rebelo de Almeida (Grupo Vila Galé), John Fox (Royal Caribbean) e Miguel Sequeira (Instituto Portuário). A comissão europeia para os Assuntos Marítimos e Pescas, que encerrou a conferência, afirmou que a Política Marítima Integrada da UE define ações que podem contribuir para que o mar seja uma prioridade nacional em Portugal. Maria Damanaki destacou o lançamento de um programa de investigação na biodiversidade microbiana marinha e no uso múltiplo das plataformas offshore; o novo sistema europeu de vigilância dos mares; a iniciativa para promover a Europa como o primeiro destino turístico mundial e o apoio a projetos de energias renováveis.

vazevedo@expresso.imprensa.pt

ÚNICA

Uma entrevista com a comissão europeia dos Assuntos Marítimos, Maria Damanaki, que encerrou a conferência do Expresso, é um dos temas da Única, inteiramente dedicada ao mar. Há também um artigo de opinião de Cavaco Silva e retratos de sete pessoas com uma vida ligada ao mar

Niko Wijnolst, presidente da Rede Europeia de Clusters Marítimos e da Dutch Maritime Network

"Portugal não é visível na cena internacional"

Niko Wijnolst fez a intervenção mais crítica da conferência. O presidente da Rede Europeia de Clusters Marítimos, que integra organizações de vários países europeus, diz que Portugal perdeu uma oportunidade de ouro nos últimos anos, quando os transportes marítimos tiveram o seu maior boom de sempre, devido ao crescimento imparável das exportações da China.

É pessimista quanto ao desenvolvimento de um cluster do mar em Portugal. Porquê?

Bom, estive em Portugal em 2005, numa conferência internacional sobre este tema, onde defendi que devia ser criada no país uma rede nas atividades ligadas ao mar que visse onde podia haver sinergias, onde eram necessárias medidas políticas ou como era possível atrair talentos, gente jovem e qualificada. Foi o que a Rede Europeia de Clusters Marítimos andou a fazer na Europa na última década.

E em Portugal?

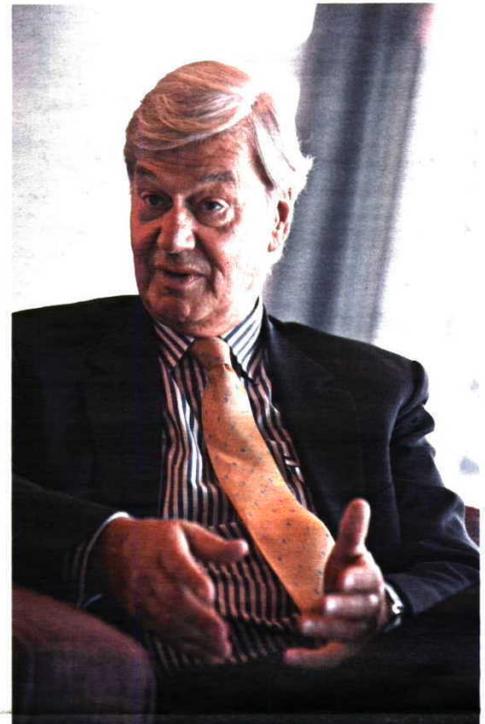
Houve uma série de iniciativas ligadas ao mar desde o tempo em que Durão Barroso era primeiro-ministro, e depois a nível da UE quando Barroso passou a ser presidente da Comissão Europeia. Mas todos os países têm aproveitado as oportunidades que o mar oferece devido ao vasto conhecimento que acumulamos na Europa, exceto Portugal, que não existe. Bem, talvez esteja a exagerar, mas a verdade é que Portugal não é visível nos assuntos do mar na cena internacional.

Ou seja, em Portugal tem havido uma série de conferências e estudos sobre o mar, mas não passamos às ações concretas?

Exatamente. Lembro-me de um professor universitário (Ernâni Lopes) que falava nessa conferência de 2005 no hipercluster do mar, mas era mais um exercício intelectual, e é isso que se tem feito muito mais em Portugal do que aproveitar concretamente as oportunidades. Estou no mundo dos negócios e costume dar o exemplo de como comecei, com uma pequena empresa na Holanda que transportava mercadorias de Portugal para Angola. A empresa tornou-se líder neste país e hoje trabalha com a China e é a maior transportadora marítima para o Sul de África. Como pode uma pequena companhia sem meios financeiros e sem a vantagem da língua portuguesa ser bem sucedida em Angola? Hoje somos uma grande transportadora e ganhamos muito dinheiro.

O que impede Portugal de explorar essas oportunidades?

Há muita burocracia — embora as coisas estejam a mudar — e outros problemas, como as taxas portuárias, etc., mas a questão fundamental é a falta de espírito empreendedor. E para isso não é necessário muito dinheiro. Acredito que em princípio



“

Portugal tem uma visão eurocêntrica em relação ao mar, mas o centro do mundo já não é a Europa, é o Extremo Oriente, a China”

Portugal teve a oportunidade de transformar o mar na sua fonte de riqueza. Mas a oportunidade perdeu-se, não para sempre mas nos anos mais próximos.

Porquê?

Os últimos anos foram os melhores de sempre para os transportes marítimos. Em 2006, 2007 e 2008 fizeram-se tantos negócios, houve oportunidades como nunca. Além disso, Portugal tem uma visão eurocêntrica em relação ao mar, mas o centro do mundo já não é a Europa, é o Extremo Oriente, a China. Concentrar uma estratégia na Europa é errado, porque esta deixou de ser o motor dos negócios.

Os portugueses continuam a insistir neste erro?

Continuam. Não há transportadores portugueses no Extremo Oriente nem em África, mesmo em países onde Portugal tem as suas raízes, como Moçambique, por exemplo. Em geral, a nível internacional encontro muito poucos portugueses ligados aos negócios ou aos assuntos do mar. Não são visíveis em nenhum negócio marítimo que eu conheça, embora esteja ligado a várias redes nesta área.

As novas políticas da UE para o mar tiveram algum impacto em Portugal?

Tiveram na obtenção de financiamentos para construir infraestruturas (portos, logística), o que é bom, mas não basta arranjar subsídios, é preciso ter o espírito empreendedor que encontramos na Europa, e não o vejo em Portugal. E tenho bons exemplos de países europeus muito ativos, como a Itália, Espanha, França ou Dinamarca.

O caso da França é exemplar?

Sem dúvida. Em França foram praticamente cinco pessoas que fizeram a mudança nos últimos anos, não foi preciso muita gente nem organizações ou dinheiro do Governo. Nestes processos é necessário o empenhamento do sector privado, que diz o que é, o que quer, o que necessita e que passa à ação e tenta mudar as coisas. E não sinto que esse espírito exista em Portugal.

Por isso foi tão crítico na sua intervenção na conferência...

Não estive aqui para falar de hiperclusters, isso é hiperventilação (risos), costume brincar com estas teorias quando estou entre colegas do sector, mesmo académicos, que me perguntam sempre: estás a falar de quê?



Veja tudo sobre a conferência www.expresso.pt/conferenciadomar

CONFERÊNCIA



Rebello de Almeida (Vila Galé), Natércia Cabral (APL), John P. Fox (Royal Caribbean) e Miguel Sequeira (IPTM) debateram o turismo marítimo



Castro Guerra (Cimpor), embaixador Alexander Ellis e Gonçalo Quadros (Critical)



Duarte Silva e José Monteiro de Morais, dois homens desde sempre ligados aos portos



Charles Buchannan (FLAD) e Niko Wijnolst (Dutch Maritime Network)



Tiago Pitta e Cunha, especialista em assuntos marítimos, defendeu com entusiasmo a aposta de Portugal no mar



Maria Damanaki, comissária europeia para os Assuntos Marítimos e Pescas, com Francisco Pinto Balsemão



Lídia Sequeira (APS) e Bruno Bobone (ACL) analisaram os portos com Monteiro de Morais e Paulo Serra e Silva



João Cruz Morais (EDP) no painel sobre energia offshore com António Sá da Costa (APREN), Alla Weinstein (Principle Power) e o embaixador britânico Alexander Ellis



Uma assistência atenta e interessada, composta por mais de 300 pessoas, seguiu durante todo o dia a conferência sobre 'Portugal e o Mar, a nossa aposta no séc. XXI'



Manuel Maltez, presidente do Grupo WPP falou sobre 'O Mar como Imagem de Marca'



Ian Payne, managing director da MRAG-Marine Resources & Fisheries Consultants



Manuel Pinto de Abreu, Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental



Ricardo Serrão Santos, do Departamento de Oceanografia da Universidade dos Açores



Manuel Maltez, presidente do Grupo WPP falou sobre 'O Mar como Imagem de Marca'



O mar como
desígnio: uma
Revista e uma
Conferência P44